

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A Cinemateca com o Doclisboa | Na Companhia de William Greaves**  
**22 de Outubro de 2025**

**RALPH BUNCHE: AN AMERICAN ODYSSEY / 2001**

*Um filme de William Greaves*

Realização: William Greaves / Argumento: William Greaves e Leslie Lee, baseado num livro de Brian Urquhart / Direcção de Fotografia: Joe Magine e Jerry Pantzer / Música: Kermit Moore / Som: Charles Blackwell e Jon Oh / Montagem: William Greaves e Lance Cain / Narração: Sidney Poitier.

Produtor: William Greaves / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendas electrónicas em português / Duração: 117 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Foi o último projecto de fôlego para William Greaves, um último canto de figuras afro-americanas proeminentes (mas relativamente pouco cantadas) no século XX dos Estados Unidos. Aqui, Ralph Bunche (1904-1971), diplomata com longa carreira nas Nações Unidas desde a sua formação logo a seguir à II Guerra, e sobretudo, o prémio Nobel da Paz de 1950, ganho como reconhecimento pelo seu papel crucial de mediação da guerra israelo-árabe de 1949. A primeira vez que uma “pessoa de cor” conquistou o prémio Nobel da Paz. Já o conflito israelo-árabe, depois da paz de 1949, continuou a viver um ciclo interminável de guerra (sem aspas) e “paz” (com elas).

Mas não é sobre isso que o filme se debruça, só uma observação marginal inescapável para quem veja o filme neste ano de 2025 em que estamos. **Ralph Bunche: An American Odyssey** é sobretudo um grande e valiosíssimo trabalho de pesquisa de informação e recolha documental. Em duas horas sempre carregadas de informação e mais informação, passamos a pente fino a vida e a carreira de Bunche, passando por todas as incidências derivadas da cor da sua pele e pelas que não derivam daí. Há muita exposição documental: fotografias, recortes, peças de arquivo institucional, material filmado, com uma dimensão e uma qualidade bastante impressionantes, é verdadeiramente um daqueles filmes que se tornam, eles próprios, num pequeno “arquivo”.

Sendo um filme que tem essa espécie de recolha em primeiro plano, bem como uma forma de pedagogia como preocupação essencial, também é um filme bastante “transparente”, no sentido em que o filme escolhe a clareza informativa em detrimento de um trabalho formal sobre o modo de apresentação dessa informação. É, portanto, um filme bastante convencional, bastante próximo do modelo de documentário televisivo que se vê muito, por exemplo, nos canais temáticos da tv por cabo (pensamos nos History Channel e afins, que em 2001, quando Greaves fez o filme, já eram, muito possivelmente, os veículos em que o realizador pensava). Mas é um emprego vivo dessas convenções, muito dinâmico, uma pequena aula de História do século XX em que se aprende alguma coisa. Era o que Greaves, certamente pretendia. Nesse sentido, embora não se possa comparar, em nada, com os momentos maiores da obra do cineasta, trata-se de um objecto perfeitamente digno.

Luís Miguel Oliveira